

**O
MANIFESTO
DE UM INOCENTE**

**ROGÉRIO
ABRAHÃO**

**O
MANIFESTO
DE UM INOCENTE**



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022
Copyright © Rogério Abrahão, 1997

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Carol Palomo

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Abrahão, Rogério
O manifesto de um inocente / Rogério Abrahão – 1ª edição – São
Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-39-7

1. Ficção brasileira 2. Drama I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Dedico a concretização desta obra ao padre José Knob, que, mesmo não sabendo, abriu minha alma para o que não é visível.

À minha esposa, Bibi, pelas incontáveis vezes que meu silêncio recebeu o seu respeito enquanto a minha mente fervilhava com cada linha da última revisão deste livro.

A Roberto, morador de rua que compartilhou a sua companhia e momentos de pura sabedoria.

Foi durante o intervalo para o chá que perguntaram a ele:

— O senhor é tão respeitado e inteligente! Por que nunca escreveu um livro?

Aquele padre, então, respondeu:

— Já tem muitos livros por aí, nas prateleiras!

Com a insistência da garota, ele falou somente para nós:

— Tenho muitas coisas escritas e guardadas. Quem sabe tenha tempo para um dia organizar tudo e permitir que algo realmente útil possa ser lido. Quem sabe?!

E colocando o dedo na frente da boca, fez sinal para que aquilo fosse um “segredo” entre nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que aceitaram a oferta de verbalizar as suas críticas para que este livro não fosse uma mera utopia.

Acreditem, as histórias aqui descritas cresceram em suas jornadas e importância — puro mundo real!

PREFÁCIO

O manifesto de um inocente foi “inseminado” em 1997. Foram décadas de preparação até emergir a coragem de publicá-lo. Nesse período de gestação, toda a história já estava pronta em minha cabeça. Mas sabemos que não é assim que as coisas funcionam. Uma mãe, assim que vê a barriga crescer, imagina o que o filho será quando adulto, sua feição, seus gostos etc. Porém, criamos os filhos para o mundo — uma caixinha de surpresas boas e más.

Inicialmente, minha ideia era escrever uma história que servisse de terapia para a minha vida perturbada — foram anos complicados! Para isso, espelhei-me no mundo em que vivia aos vinte e três anos. Posso garantir a vocês que tudo o que lerem neste livro de alguma forma aconteceu.

Durante todos esses anos, assim como uma casa precisa de manutenção, *O manifesto de um inocente* também precisou de reformas. Troquei algumas portas, repintei paredes, retirei o reboco mofado, fiz um puxadinho, substituí alguns móveis e assim por diante. A casa, porém, manteve-se íntegra — acolhedora nas ambições e angústias.

Felizmente, e muitos vão discordar de mim, consegui expressar todos os sonhos e tristezas necessários para que a vida de cada personagem também incomodasse a casa que há dentro de nós — um convite para avaliarmos a morada espiritual e moral que nos habita e forma o que representamos aos outros seres humanos.

Sim, *O manifesto de um inocente* é uma cova repleta de preconceitos, podridão, fantasias, libido e pretensões que fingimos não existir dentro de nós, ainda nos tempos atuais.

Convido vocês, com a mente aberta, página a página, a degustarem da experiência dos protagonistas e dos outros personagens para que possam, assim como eu, compreender melhor o lar que há dentro de nós!

1

A PASSARELA

ROBERTO. 1983.

Sobre mim, ninguém tem maior autoridade do que eu mesmo. Que seja pra direita ou pra esquerda, sim ou não; o responsável sou eu!

Foi pensando nisso que ele, parado em frente à igreja matriz, reafirmou a vontade de devolver aquela pedra ao mar; uma simples pedra, uma maldita pedra. Sentia que permaneceria um idiota se não honrasse sua promessa. Acreditava que, depois disso, a sua vida seria diferente.

Indiferente ao que acontecia lá dentro, olhou para aquele templo e resolveu entrar. Ainda havia muito tempo para se preocupar com o próximo dia. De pé, no fundo da igreja, ele se fixou e acompanhou a celebração eucarística que avançava. Encostado na parede, porém, cansou daquele local quente e tentou achar um outro lugar para se acomodar. Mas, enquanto caminhava pelo corredor lateral, sua passagem foi bloqueada por um velho sujo que questionava, com o olhar, a imagem de um santo qualquer.

O ancião puxou conversa, e o viajante agradeceu por uma brisa fria e inesperada trazida não se sabe de onde.

— Seu nome, rapaz! — falou o velho.

— É Roberto — respondeu, ainda tentando encontrar um vão para passar.

Mas o homem forçou o diálogo:

— Meu jovem, em que parte está a missa?

— Já passou da metade.

— Está meio cheio aqui, não está? — continuou o homem.

— Tá, sim — respondeu por mero respeito.

As pessoas ao redor estranharam o comportamento daquele moço de cabelo e barba por fazer. E ele, conformado com o suor que lhe descia pelo pescoço, resolveu retornar ao fundo da igreja. Antes, porém, ainda ouviu o outro comentário do senhor sujo:

— Hoje o rito está perdido, por isso sempre prefiro as estátuas. Ainda me chateiam menos. Muitas vezes a caminhada já ensinou muito e talvez o descanso seja a melhor escolha.

Roberto permaneceu quase inerte por causa da queadura provocada pelas pessoas, que, como ele, abanavam-se com as mãos ou com o papel distribuído na igreja. Conforme as etapas aconteciam, o viajante tentava mesclar a atenção naquele rito com as lembranças da trajetória de sua vida.

Passaram-se minutos intermináveis até que a fila se formou. Chegando a sua vez, o idoso sacerdote, num gesto solene, disse:

— Corpo de Cristo!

O viajante, desacostumado com aquelas práticas, demorou a responder à situação.

O sacerdote, então, falou baixinho:

— A língua, senhor.

Ele, envergonhado, colocou-a para fora e sentiu a hóstia grudar no céu de sua boca assim que o místico pão misturou-se com a saliva. Fosse o que fosse, algo espiritual ou simplesmente emocional, Roberto desejou que pudesse, enfim, ser feliz.

Voltando ao seu obscuro lugar, aguardou até que todos abandonassem o interior daquele templo e, somente depois, com a cabeça longínqua, seguiu rumo à praça que ficava ao lado daquela bonita igreja.

Encostado em um poste, sentindo a brisa que vinha do mar, abriu a mochila e dobrou com cuidado a passagem de retorno já comprada.

Também pegou o que restava de seu dinheiro e contou as notas por várias vezes. Depois, caminhou até um dos bares da avenida em frente à praia. Lá, foi recebido por um dono desconfiado e observador. O viajante comprou dois salgados e sentou-se no degrau do estabelecimento, passando a contemplar as pessoas que transitavam pelas lojas, pelos bares e pelo calçadão. Também notou, do outro lado da avenida, a concentração dos turistas e o assédio dos ambulantes. O movimento constante das famílias, na larga calçada iluminada, criava uma marcha contínua que contrastava com a escuridão na areia da praia. Havia, também, as fumaças das barracas de lanche, que foram bem recebidas por seu nariz. No vai e vem da avenida, carros passavam com o som alto, algo típico daquela época de verão. Os garotos, em pequenos grupos, paqueravam as garotas e alguns pais vagavam sem destino com seus filhos pequenos. Também era grande a movimentação nas sorveterias e restaurantes.

A preocupação para Roberto era achar um local onde pudesse descansar e dormir, pois somente no raiar do próximo dia seguiria rumo à praia distante de onde roubara aquela maldita e desgraçada pedra. Porém, distraído em seus pensamentos, saltou para dentro do bar quando um cachorro se aproximou para cheirar a sua perna. O susto foi tão grande que a fobia descompassou o seu coração, sendo preciso apoiar-se no balcão para que não fosse ao chão.

O seu desespero foi notado por algumas pessoas que bebiam no bar, e ele se sentiu envergonhado. Antes de abandonar o comércio, Roberto, um pouco mais calmo, olhou para as prateleiras de bebidas e perguntou ao dono, ressabiado:

— Amigo, quanto custa um copo desse vinho?

O dono do bar, percebendo a situação do desconhecido, vendeu por um insignificante valor a garrafa já aberta do vagabundo vinho. Ele aceitou a oferta e pagou com as suas últimas economias, abandonando aquele local sem ter para onde ir. E foi então que percebeu à sua frente, junto com um vento fresco, o mesmo homem sujo que estava na igreja.

— Tem medo de cachorro?

E olhou diretamente para o viajante.

— Não é medo, é pânico — respondeu Roberto, sem interesse no diálogo.

— Olha, tem cachorro bonzinho e cachorro que é bravo, porém eles têm a mesma essência. — O velho se aproximou um pouco mais. — Mas assim como o mar e a praia, há uma linha tênue, muito fina, onde o prazer e o medo se separam. Nesses momentos, nessa linha, são exigidos o equilíbrio e a decisão sobre o que fazer. — E o senhorzinho continuou: — Nessa linha, você deve ser o dono da situação. Se você demonstrar autoridade, todos terão respeito por você, irão admirá-lo. O segredo é ter confiança e ser firme nas suas decisões. — Roberto balançou a cabeça, aceitando o comentário do desconhecido, que continuou a falar: — Ouça, você deve estar cansado e com sono, não está? Por que não vai à praia, naquela direção? — E apontou o caminho. — Logo ali, lá na frente, tem aquelas árvores e será possível descansar; isso se você não se incomodar com o barulho da avenida. Sabe como é, fim de ano é assim!

A sugestão chamou a atenção de Roberto.

— O senhor é da cidade?

Mas o homem sujo não respondeu, apenas falou:

— Pense em descansar.

Roberto, com a sua mochila, o saco com os salgados e a garrafa de vinho na mão, atravessou a larga avenida em direção ao local indicado. Desceu os degraus de acesso à praia e não acreditou quando chegou naquele cantinho. Era um pequeno aglomerado de árvores que destoava do resto da paisagem escura — um local discreto, um verdadeiro oásis. E foi ali que resolveu dormir, ajeitando a areia e afastando as folhas caídas. Depois, tirou da mochila a jaqueta amassada e dela fez surgir um confortável travesseiro. Tomou alguns goles do vinho e matou a fome com um dos salgados, finalizando a noite com tragadas lentas no cigarro.

Com a cabeça mais calma, procurou pelo sono merecedor e fechou os olhos, escutando o som das ondas. Também havia o barulho da avenida: gritos, risos, conversas indecifráveis, motores dos carros e músicas diversas. Aos poucos, com os pés descalços, acomodou-se melhor e deixou que o corpo relaxasse e que o sono viesse calmo e sorrateiro.

E, enfim, descansou.

PAULO. 1968.

Tito era um vira-lata bonito, esperto e alegre. Fora adotado já grande e era a alegria de Paulo. Já a cadela, chamada Laila, chegara três meses depois, e o inevitável acontecera. Assim que os filhotes nasceram, o menino precisou suportar a raiva do pai:

— Tá de brincadeira comigo? Merda! Cinco cachorros? — E tentava acender o cigarro com a caixa de fósforos. — Filho, dá fim nessas merdas. Por que não morreram como o outro? Filhotes de merda!

Paulo não entendia o ódio que o pai sentia por aqueles animais.

— O senhor quer que eu suma com os cinco filhotes?

— Claro! — respondeu, irritado. — E não só eles; dá fim nos sete cachorros! Eu não consigo mais dormir! E não quero mais essa casa fedendo mijo e merda o dia inteiro. Não quero ver nenhum deles aqui! Você pegou um macho e uma fêmea, e achou que não ia dar em nada? Não aguento mais! — O filho tentou argumentar, porém foi em vão. Quando o pai fez o último comentário, Paulo se conformou: — Eles ou a moto no aniversário? Você escolhe!

E saiu, batendo o portão da garagem.

Uma semana depois, lá estava Paulo aos pés da estreita passarela próximo à sua casa. Observou com cautela a rodovia e, apesar da carona de um amigo, que o esperava nas proximidades, acabou carregando a caixa com os filhotes sozinho, além de trazer Tito e Laila por suas coleiras.

O menino, já sobre a passarela, repassou toda a sequência planejada. Porém, quando ia iniciar a ação, olhou na direção onde o amigo esperava.

— Filho da puta! Cadê ele? — desabafou, tentando localizar o veículo e o seu colega.

Com medo e sentindo-se só, ele pensou em desistir, mas se lembrou da moto. Então, criou coragem e novamente verificou se não havia pessoas por perto. Olhou para baixo e amarrou pai e mãe na grade.

Preocupado em não causar um acidente, achou melhor esperar por um ônibus para concretizar a sua trama. Olhou por todos os lados e sentiu

que o medo não tardaria a enfraquecer a sua alma. Na verdade, sabia que era um covarde porque queria muito a moto.

A partir daquele momento tudo foi muito rápido.

Paulo, ao ver o veículo se aproximando, lançou a caixa, e o motorista não teve tempo suficiente para desviar do papelão. Por instinto, Tito e Laila ficaram perturbados, tentando se desvencilhar das coleiras amarradas. Ele, voltando a si, refletiu sobre a situação e saiu apressadamente, abandonando os cachorros assustados. Porém, ainda houve tempo de ver o ônibus parando no acostamento.

Somente depois, já aos pés da passarela, percebeu que descera pelo lado contrário. Quando pensou em retornar, viu que um dos filhotes ainda estava vivo e retorcendo-se no asfalto quente. Parado, sem saber o que fazer, ainda pôde ver um outro veículo achatando-o. Assustado, o menino não suportou a cena e vomitou, mas não pôde se recompor totalmente. Várias pessoas surgiram, curiosas com o som das derrapagens, e Paulo fugiu.

Como descera pelo lado errado da passarela, o caminho até a sua casa se tornou mais distante.

Algumas pessoas invadiram a rodovia para verificar o que estava dentro da caixa retorcida. Outras, porém, subiram na passarela para soltar Tito e Laila, que, agora livres, desapareceram da visão dos seus libertadores. Enquanto isso, o garoto, cansado de correr, passou a andar sem preocupação até se sentar embaixo de uma árvore. Relembrando as recentes cenas e os dias em que levava os animais à sua casa, sentiu um nó na garganta. Um choro firme e rápido tomou conta de sua alma carente.

Quando retomou a caminhada, escutou alguém chamá-lo:

— Menino, menino! — Paulo continuou andando, pois não reconheceu quem o interpelava. — Menino, espere! — insistiu o hippie. — Posso caminhar com você? — Aproximando-se, o homem seguiu os passos de Paulo. Passos que, por receio, voltaram a ser rápidos. Seu corpo todo sentiu um frio de congelar. — Não se assuste, não, jovem! Depois do que você fez, tenho certeza de que é um moleque determinado ou muito louco. Precisava matar os bichinhos? — Engolindo em seco após a fala daquele desconhecido, o jovem sentiu o pavor em seus ossos. Como não conseguia soltar a voz, o hippie

continuou: — Nada neste mundo... — tentava acompanhar o caminhar do garoto — justifica o que você fez lá.

Paulo parou e, lembrando que passava pela rua onde alguns conhecidos de seu pai moravam, ameaçou:

— Se você não for embora, vou começar a gritar! Tenho muitos amigos que moram aqui perto!

O hippie riu e falou, um pouco mais sério:

— Amigos como aquele que abandonou você lá na passarela? — Novamente ele ficou sem fala. Estava claro que o homem havia presenciado toda a ação. — Se os seus outros amigos são como esse, você precisará rever o conceito de amizade. Se bem que... — E fez uma breve pausa. — Sendo justo, acho que ele foi mais correto abandonando você lá. Ao menos, ao que parece, se arrependeu no último minuto.

— Ele pode ter feito de propósito, pra que eu fique com toda a culpa.

— Sim, pode ser. E a ação foi realmente sua. A sua covardia pode ter o contagiado.

Os dois voltaram a caminhar, agora num tom mais cordial.

Dessa vez, foi Paulo quem iniciou o diálogo enquanto cruzavam a rodovia por um outro viaduto:

— Foi meu pai que pediu pra me livrar dos cachorros.

— Mas seu pai pediu para matar os animais?

E lançou um olhar de reprovação.

— Não...

O menino, enfim, percebeu a grande idiotice e, amargurado pela atitude medíocre, tentou se interessar por Tito e Laila:

— Sabe se os outros cachorros ainda tão amarrados na passarela?

— Você terá que ficar com a dúvida ou voltar lá. A decisão é exclusivamente sua.

Mas o menino apenas balançou a cabeça em uma demonstração de negação; estava esgotado.

Após caminharem por mais alguns minutos, Paulo questionou:

– De onde você é?

– Sou do mundo! – E olhou para o menino. – Quando uma coisa dessas acontece, atinge uma proporção que não imagina.

– Como assim?

– A morte dos cachorrinhos e o abandono dos outros cães ficarão na memória do seu amigo, na do motorista do ônibus e do pessoal do outro carro. As pessoas que soltaram os cachorros e as que viram os filhotes mortos também não se esquecerão desse acontecimento. – E se aproximando mais, acrescentou: – Ah, na sua memória e na do seu pai também!

– Não pretendo contar pro meu pai.

Abaixou o olhar.

– Ah, me desculpe! Me refiro àquele. – E apontou para cima. – Há muitas coisas além de tudo isso aqui. – Enfim, Paulo chegou à sua casa e ainda permaneceu na calçada por alguns minutos, refletindo sobre o último comentário do hippie: – Amigo, lembre-se: quando há o reconhecimento e o arrependimento é verdadeiro, o passado deixa de existir. Reflita.

Paulo entrou e foi direto para o banho.

Deixou a água cair por todo o corpo e chorou muito, muito e muito. Sentou-se no chão, ainda com a água sobre a sua alma, e sentiu uma saudade imensa de sua mãe.

LORENNNA. DE 1953 A 1983.

Lorennna foi uma criança comum até os seus dez anos; brincava com as bonecas e as amigas. Dos onze aos quinze, ela cuidava da casa e dos irmãos menores enquanto a mãe recebia os clientes no quartinho que ficava no fundo do quintal. A menina, aos dezesseis anos, invejou a vida que a mãe levava e desejou ter os seus próprios clientes. Após um ano de amadorismo, abandonou a família e procurou uma tal de Rute, tornando-se Rebecca e já sendo a mais procurada na “Casa da dona Rute”. A velha meretriz logo notou que a garota era diferente, ousada e de lucro certo. Cobrava caro para que os políticos da cidade e outras pessoas proeminentes pudessem desfrutar daquela garota, que era a mais bela moça da casa.

No aniversário de vinte e um anos, no momento em que apagava as velas, Rebecca desejou: “Este ano abrirei a minha própria casa”. Com vinte e cinco, sua morada era frequentada pelos mesmos políticos do passado e por homens de todos os credos. Era uma prostituta, porém agora cuidava de suas próprias meninas e apenas administrava.

Vinte e seis anos, o início da soberba.

Vinte e sete; vinte e oito; vinte e nove; trinta; trinta e um; trinta e dois anos...

Em seu trigésimo terceiro aniversário não havia o que comemorar; atendia os clientes em uma casa velha junto com outras “desabrigadas”; uma chácara alugada. Voltou a dormir com qualquer um por qualquer dinheiro.

Quando a idade de trinta e seis anos pesava sobre os seus ombros, Rebecca conheceu Madeira. Voltou a se chamar Lorennna e abandonou a vida miserável para ser esposa de homem digno e exemplar marido. Porém, a vida feliz do casal logo se deteriorou e ela passou a manipulá-lo, fazendo daquele homem um verdadeiro imbecil. E, aos quarenta anos, a promiscuidade e o tráfico retornaram fortes à personalidade dessa mulher que desejava mais do que um simples e calmo lar.

CEMITÉRIO. 1983.

Após mais um dia cansativo, Jorginho se preparava para fechar o escritório quando ouviu a gritaria das crianças na rua. Logo percebeu o porquê de tanta alegria naquele dia quente vigiando os carros. Já no portão principal, viu Bruno e Otávio contando o dinheiro embaixo de uma árvore.

— Quanto deu hoje, meninos?

— Bastante pra comprá uma calcinha nova pra você! — disse Bruno.

— Calcinha pra gordão! — emendou Otávio, gargalhando em seguida.

O secretário do cemitério não se incomodava com a gozação dos garotos. Esperou que os risos cessassem e os convidou, para minimizar o calor, a tomarem uma caneca de suco bem gelado. Agora, sentados na soleira da porta da administração do cemitério, Bruno comentou:

— Jorginho, hoje a mãe vai ficá contente, vai dá pra pagá o fiado que ela dexô lá na mercearia.

— A mãe achô que hoje nem valia a pena, mas tava parecendo domingo e também teve cinco enterro hoje! — comemorou Otávio.

Os irmãos, Bruno e Otávio, vigiavam os carros que estacionavam na praça que ficava em frente ao cemitério. Anos antes, havia um outro irmão, Evandro, que fora funcionário da prefeitura prestando serviço nesse mesmo cemitério como ajudante geral. Ali mesmo, quatro anos antes, fora achado morto pelos coveiros, deitado dentro de um túmulo em construção. Jorginho havia cultivado uma grande amizade com Evandro e nunca aceitou a perda do amigo querido. Agora, sem ele, os dias de trabalho pareciam morosos e angustiantes.

O secretário premiou as crianças com mais um copo de suco gelado e ficou relembando o passado recente.

Dez anos como secretário, Jorginho era o responsável pela papelada do cemitério; controlando os enterros, as exumações, os cartões de ponto dos outros funcionários etc. Chegava

sempre cedo e gostava de andar, sempre que possível, por entre os túmulos para orar um pouco. Possuía duas obsessões: as plantas de que cuidava nos arredores da sua sala e um sentimento secreto pelo pedreiro Edmundo, braço direito do encarregado do cemitério.

O secretário ficou observando ao longe, com o cair da tarde, depois de trancar a sua sala, os outros colegas que recolhiam as ferramentas e o resto de material das obras. Em seu coração, o amigo querido, Evandro.

ROBERTO. 1983.

De cabelos presos, na companhia das recentes colegas, Carla balançava a cabeça enquanto escutava a música que vinha de um carro estacionado. Ela estava feliz; muito feliz. Todas no bar bebiam e fumavam pensando em como arrumar um lugar para passarem a noite. Somente Carla tinha algo programado e estava esperançosa pela noite promissora — apesar de ser um “passeio” imposto a ela por uma pessoa da capital. Suas novas colegas, então, iniciaram uma paquera com alguns rapazes que bebiam por lá. Não demorou para que todos estivessem reunidos na mesma mesa, rindo de um coitado que acabava de se assustar com um cachorro.

E Carla falou para uma das garotas:

— Que idiota!

Entretanto, as horas passaram rápidas, e ela começou a ficar preocupada com o encontro; o rapaz da capital estava atrasado. Ao contrário, mais tranquilas, as outras garotas comemoravam o convite dos rapazes:

— Os caras querem que a gente vá lá pra casa onde eles tão. É num prédio aqui mesmo na avenida, lá pro fim — disse uma das garotas.

Vinte minutos depois, na mesa sobravam beijos e abraços. Carla era a única que recusava as carícias.

Enquanto os rapazes pagavam a conta, as garotas se reuniram em frente ao bar.

— E aí, menina, você vem ou não vem? — perguntou uma delas.

— Acho que vou ter que ir.

Carla estava indecisa.

— É, acho que você tomou um bolo — comentou outra garota.

— Desculpe me intrometer, já que a gente se conhece há poucas horas. Que estranho esse seu encontro, não é? Explica melhor — pediu a terceira mulher.

Carla ia inventar uma história, porém foi surpreendida por trás com um abraço forte.

— Adivinha quem é? — Escutou ela.

As colegas ficaram paralisadas com a chegada do rapaz bonito e charmoso.

Ele quis beijá-la assim que ela se virou. A garota, após alguns carinhos, despediu-se das recentes colegas. O rapaz, pegando a mochila dela, puxou-a na direção da escura praia. Ao atravessarem a avenida, eles quase foram atropelados por uma moto.

— Calma! Quer me matar?

— Quero recuperar o tempo que perdi com a bosta daquele carro!

O rapaz estava estranho.

— Foi por isso que atrasou tanto? — Ele não respondeu, e, logo que se sentaram na areia da praia, acenderam um baseado e fumaram juntos. Carla relaxou e percebeu que o conhecido continuava esquisito, inquieto.
— O que você tem?

Ele não respondeu.

A garota estava esperançosa em descansar e aproveitar o bom hotel. Além disso, o combinado era o passeio de escuna e muito mais. Porém, quando viu o rapaz sacar do bolso um pequeno saco plástico, soube que teria problemas.

— Que é isso?

Ela já sabia a resposta.

— Presente do meu tio. Olha pra ver se vem alguém!

Camuflados pela escuridão, com destreza, ele preparou o pó sobre uma pedra. Com a ajuda de um pequeno tubo, puxou para dentro do seu nariz sem hesitar.

— Que coisa boa do estrangeiro. Nem perguntei se você queria. Quer? Se quiser, tenho mais um pouco.

— Não quero — respondeu, preocupada e olhando por todos os lados.

— Aproveita; produto novo, importado! — insistiu.

— Eu sei o que é isso.

E recusou com o balançar de cabeça.

— É a melhor coisa do mundo! — comemorou ele depois que se levantou.

A garota permaneceu calada, olhando o rapaz da capital tirar os tênis e se afastar. O homem caminhou até as águas, ficando com os pés submersos por vários minutos. Carla agarrou a mochila e achou melhor ir até ele. Quando se levantou, percebeu que estava tonta.

— Fábio! — chamou ela.

O rapaz retornou, e algo estava diferente. Cinco metros os separavam quando ele começou:

— Sabe que ali tem tubarão? — O seu olhar estava tomado por um brilho assustador. — Meu pai é médico... Você é linda e *puta!* — gritou, já próximo a ela. — Puta, que pena! Você é maravilhosa... É linda... Sabe por que a gente perde cabelo? Meu carro quebrou, peguei do meu tio. Bosta! — O rapaz andava sem parar em frente a ela. Carla ficou mais preocupada assim que ele a segurou fortemente pelo braço. — Queria quebrar seus dentes, sua *puta!* E sabe mais o quê? — gritou bem alto. Ela permaneceu em silêncio, olhando à sua volta e procurando alguém por perto. O rapaz a soltou e começou a andar em círculos, contando os dedos das mãos e resmungando algo. Então, parou e sentou-se na areia. — Sou muito rico, porra! Não sou *viado*...

A bela garota pensou em abandoná-lo, porém raciocinou: não tinha para onde ir nem como encontrar as recentes colegas.

— Vamos embora daqui, Fábio! Você pirou! É melhor a gente ir pro hotel.

Olhava para todos os lados.

Sem que ela percebesse, o homem se levantou e correu em sua direção. O tapa que recebeu no rosto foi tão inesperado que seu maravilhoso corpo encontrou o solo desnivelado, deixando-a com a boca coberta de areia. Carla tentou se erguer, mas foi agarrada e novamente agredida.

— Puta! — Foi o que ele gritou. Foram outros tapas e chutes. A garota tentou gritar. O ar já não passava por sua garganta. Ele a largou e, olhando-a sufocar, continuou as ofensas: — Te odeio! Você parece minha mãe, *vagabunda!* Chupa meu pau agora!

Imediatamente, começou a tirar a calça e a cueca.

Carla, aproveitando o momento, tirou de si a energia que todo ser humano tem quando a morte é iminente, levantou-se e começou a correr pela praia escura.

Após algumas dezenas de metros, ela pôde ver um aglomerado de árvores e tentou se esconder lá. Cansada, começou a caminhar e, cambaleante, encostou as mãos na primeira árvore pensando que estava salva.

Porém, sentiu outra mão puxando-a pelo ombro; era o seu perseguidor, que, somente vestindo a camiseta, derrubou-a e lançou seu corpo sobre o dela. Ele tentava tirar a blusa da garota quando, da penumbra, surgiu em homem barbudo e misterioso.

— Fica longe da moça!

Assim que escutou o pedido, deixando Carla livre, o atormentado rapaz ficou de pé e, por um instante, somente se escutava o estrondo das ondas e os sons indecifráveis na avenida. Roberto deu mais um passo e a claridade da lua destacou todo o seu corpo. O alucinado rapaz, então, correu, e o viajante o seguiu, tentando alcançá-lo. Também por instinto, na direção contrária, Carla correu. Roberto foi mais veloz e o derrubou, mas o rapaz já não estava com a mesma força empregada contra a garota e apenas se encolheu quando percebeu que não conseguia controlar o próprio corpo.

Olhando-o de tão perto, Roberto sentiu pena do perturbado rapaz e o ajudou a se sentar antes que o vômito o sufocasse. Preocupado com a moça, ele abandonou o agressor e voltou às árvores, dessa vez caminhando e olhando para trás. Ele lembrou que aquela garota estivera no bar. Procurou-a por todos os lados, percorrendo o paredão entre a avenida e a praia, e no limite entre a areia e a água do mar. Não a encontrou. A linda garota havia desaparecido.

Roberto voltou ao local onde deixara o homem. Ele também havia desaparecido. Caminhando mais um pouco, o viajante achou algumas peças de roupa, um par de tênis e uma mochila, que deduziu pertencerem ao infeliz homem. Também notou luzes pulsando e uma pequena multidão em volta da viatura policial. Vencido pela curiosidade, ele passou pelo paredão e soube que dentro do veículo havia um homem nu. Sentindo-se incomodado, voltou à praia para buscar as roupas que acabara de achar e se surpreendeu quando viu aquela mulher novamente.

— O que vai fazer? — A voz de Carla era doce.

— Ele tá com a polícia; já volto.

E pegou tudo o que encontrou.

– A mochila é minha – reivindicou ela.

Roberto escutou, porém seguiu na direção da avenida. Assim que retornou, a bela garota ainda estava no mesmo lugar. Parado frente a ela, ele não soube o que dizer e juntos demonstraram a mesma inquietação. Foi a garota quem tomou a iniciativa:

– Não tenho como agradecer, muito obrigada!

E recuperou a sua mochila.

– Você tá machucada?

– Um pouco dolorida – respondeu, constrangida, enquanto caminhavam em direção às árvores. – Desculpe, preciso ir.

Ele insistiu:

– Pra onde vai? Qual o seu nome?

– É Carla.

Desviando em direção a uma das pequenas escadarias de pedra, afastou-se.

Roberto a seguiu e tentou convencê-la de que era melhor se acalmar antes de tudo. Ela se deu conta de que não tinha para onde ir. Receosa, desculpou-se novamente:

– Olha, agradeço o que fez por mim. Preciso encontrar um telefone e ligar pra uma amiga. Não tenho onde ficar e ela precisa saber o que aconteceu.

– Também não tenho onde ficar, por isso achei esse lugar pra descansar. Se quiser, pode ficar aqui até pensar melhor no que vai fazer.

Carla, contudo, seguiu em direção à avenida enquanto Roberto, encostado em uma das árvores, observava a garota desaparecer. Em sua mente, ele se recordou de todo o ocorrido e não conseguiu ordenar os pensamentos, sentindo o corpo tremer por causa do nervosismo. Enfim, pegou a garrafa de vinho e tomou um grande gole, acendeu o cigarro e, vulnerável, continuou pensando em todas aquelas cenas. Aos poucos, acalmando-se, ainda encostado na árvore, conseguiu fechar os olhos, e o cansaço o deixou com um torpor incontrolável.

Roberto sonhou; um sonho rápido e muito real:

Ele se levantou e viu o próprio corpo dormindo sob as árvores. Sentiu o contato dos pés contra a areia foja e, motivado por uma sensação inexplicável, “caminhou” até a avenida — parecia que flutuava.

Roberto ficou surpreso. Não encontrou o asfalto, os prédios ou qualquer outro sinal de vida; apenas uma imensa floresta à sua frente. O viajante entrou na densa mata — continuava com a sensação de flutuar e as imagens eram fragmentadas. Passou por um riacho e chegou a uma alta parede de tijolos, onde uma anciã o aguardava.

Ela, como se o conhecesse, pegou-o pela mão e mostrou uma grande fissura no muro de cima a baixo — vestígios de uma antiga batalha. Era possível ver um totem com figuras enigmáticas, não humanas. Com um aceno da anciã, várias esferas luminosas surgiram, e Roberto sentiu todo o corpo ser puxado para dentro daquela passagem.

Imediatamente, ele começou a vibrar, talvez por causa de todo o metal. Foi quando percebeu a vestimenta de guerreiro que estava sobre o seu corpo. Com mais uma imagem fragmentada, viu-se frente a um antigo castelo abandonado, que trouxe recordações e dúvidas em sua mente.

Ele se preparava para entrar quando escutou uma voz:

— Moço! Moço!

Roberto, assustado, levantou-se e viu a garota novamente. Seu coração voltou a acelerar, não só por causa do sonho interrompido.

— Oi, tá tudo bem?

E se recompôs.

— Sim. Tentei ligar pra minha amiga; não consegui. Posso ficar aqui com você?

— Claro que pode.

E logo ofereceu o vinho para que ela bebesse.

Assim que a bebida desceu por sua garganta, os seus olhos se encheram de lágrimas. Roberto não sabia o que dizer:

— Não seria melhor procurar a polícia e contar o que aconteceu?

Ela, estranhamente evitando o assunto, descartou a denúncia. Depois de limpar o rosto, anunciou, envergonhada, uma outra preocupação:

— Tô com muita fome. Desculpe, você tem algo?

— Tenho um salgado, serve?

— Claro que serve! E você?

— Já comi um. — Ele esperou até que ela engolisse todo o alimento.

— A propósito, meu nome é Roberto.

— Ah, é claro. Desculpa! Como falei antes, meu nome é Carla.

— Eu vi você no bar.

Com o rosto voltado para a areia, não quis encará-la.

Foi quando ela se lembrou do rapaz que se amedrontara com o cão.

— Verdade, lembrei. Também vi você lá.

— É, riram bastante de mim... — Roberto comentou em um tom mais solene.

— Desculpa...

E não olhou para ele.

Eles permaneceram em silêncio por algum tempo, até que o viajante retomasse o diálogo:

— O que vai fazer assim que encontrar as suas amigas?

— Não eram minhas amigas, tinha acabado de conhecer todas elas no bar. Mas, se encontrasse, ia perguntar pelo meu dinheiro. Fui usar o telefone e não tinha nada dentro da minha carteira. Tenho certeza de que me distraíram e pegaram a minha grana.

— Você veio de onde?

— Vim da capital.

Mais calmos, olhando as ondas e o horizonte, fumaram vagarosamente e reclamaram do calor. Carla, percebendo que o rapaz não entraria no assunto, forçou a conversa:

— Você não tá curioso em saber o que eu fazia com aquele rapaz?

— Tô! Conheceu ele e *blá-blá-blá*. Aí, descobriu que ele era um louco.

— Acertou e errou! Era um cliente da capital. Eu já tinha saído com ele uma vez, mas não imaginava que era assim, maluco.

— Desculpa, acho que não entendi. Você é prostituta?

Roberto ficou incrédulo.

— Sim... Quer dizer, não mais.

O viajante ficou confuso, entretanto o interesse por aquela história só aumentava.

– Então chegou a ter algo com ele?

– Hoje, não. Uma outra vez, sim. A história é meio complicada.

E ambos permaneceram com os olhares na direção do mar.

– Quer falar a respeito?

A garota, puxando mais ar para dentro de seus pulmões, explicou aquele encontro:

– Minha vida sempre foi uma grande confusão. Tô aqui hoje pra pagar uma dívida que nem é minha.

– Você tá falando, então, que nem ia receber por sair com aquele cara?

– Isso mesmo... – E Carla balançou a cabeça. – Nem é a primeira vez que isso acontece.

– Mas de quem é essa dívida?

– Olha, não quero mais falar sobre isso. Tudo bem?

Com o fim daquela conversa, Roberto, ainda reclamando do calor, levantou-se e tirou a calça e a camisa.

A garota, vendo-o somente de cueca, questionou-o, assustada:

– O que você tá aprontando?

– Nada, só vou tirar esse calor do corpo.

Carla o olhou enquanto se afastava e, mais tranquila, trocou a calça jeans por uma bermuda e foi ao encontro do rapaz. Quando ela sentiu as águas nas pernas, exclamou:

– Graças a Deus!

E todo aquele calor foi embora.

Enquanto ela se aproximava, Roberto confirmou o quanto a garota era bonita.

Por causa da claridade da avenida que a envolvia, parecia estar em um cortejo, como que indo para o matrimônio, para um encontro no altar. O coração do viajante novamente acelerou e o sentimento de amor surgiu sem outras explicações...

Eles permaneceram em silêncio até que ela, de costas ao grande mar, comentou:

– Nossa, como a cidade é bonita vista daqui!

Roberto sentiu uma alegria imensa por estar ali com ela.

– É bonita mesmo! Pra mim, o litoral sempre foi um lugar mágico onde a vida da gente fica entre o céu e o inferno.

E naquele momento se lembrou do velho sujo e do que ele dissera.

– Hoje pra mim, então, é o dia do inferno! – desabafou a garota assim que sentiu novamente as dores pelo corpo.

– Entendo... – E olhou direto para ela. – A água do mar cura tudo.

– Cura mesmo!

Foi a vez da garota olhar para ele.

Não houve formalidades...

O beijo demorado e o abraço forte trouxeram conforto aos dois corações.

Ela permaneceu apoiada no ombro de Roberto e ele, não acreditando naquele momento, acariciou a cabeça da garota enquanto os seus dedos percorriam os longos cabelos molhados, antes ondulados.

– Obrigada por cuidar de mim...

Dessa vez, ela olhou intensamente para a lua.

Roberto continuou calado, acariciando a jovem por vários minutos. Após algumas conversas despretensiosas e mais um intenso beijo, resolveram sair da água.

– E você, veio de onde? Por que tá dormindo na praia? – perguntou ainda dentro do mar.

Roberto, sem jeito, falou:

– Putz, minha história também é bem confusa! Vim devolver uma coisa que ainda me perturba demais.

– O quê?

Carla estava curiosa.

– Uma pedra que peguei da encosta de uma praia daqui.

– Como?

Achou que entendera errado.

– Uma pedra, dessas que se encontra em qualquer canto de praia.

– Cara, você é maluco! Cadê essa pedra?

Roberto parou de caminhar e olhou fixamente na direção das árvores. Lembrou que todas as suas coisas estavam ali, inclusive a pedra. Apressado, foi em direção à sua mochila.

Carla o seguiu.

Quando chegou, abriu o zíper e confirmou que a pedra ainda estava lá. Ela veio logo atrás e o viu com a pedra na mão.

– Você me assustou. Essa é a pedra?

Avaliando o objeto, ficou decepcionada.

– É.

Após colocar uma bermuda amarrotada, Roberto pediu para que ela contasse melhor a sua história. E de pé, com o corpo encurvado, espregando os longos cabelos castanhos, ela perguntou:

– Desde o começo?

– Onde é o seu começo? – brincou. – Sim, quero saber da sua trajetória até aqui.

– A história é longa e triste.

Tentou tirar um pouco de água da sua bermuda antes de se sentar ao seu lado.

Roberto ficou em silêncio por alguns segundos, admirando a sua beleza. Seus cabelos molhados deram destaque ao rosto redondo e aos lábios grossos. Era linda! Seu corpo em curvas era simétrico e de estatura mediana, perfeito para as coxas grossas que ela possuía. Mas foram os olhos castanhos e ovalados que o hipnotizaram quando ela olhou para ele.

– Tudo bem, me conta. Temos todo o resto dessa madrugada quente pra conversar.

Mas antes que a linda garota iniciasse a sua história, acenderam outros cigarros, deixaram que os lábios novamente se encontrassem e beberam o resto do vinho.

Enfim, quando ela terminou de falar, Roberto estava impressionado com tanta desgraça em sua infância.

PAULO. 1968.

Os cachorros ficaram no mato por muito tempo. Quando a escuridão chegou, aventurando-se pela vizinhança, perambularam de casa em casa e cheiraram todo saco de lixo à procura do que comer — foi então que entraram em uma garagem. Tito, revirando um saco qualquer, acabou chamando a atenção do morador, que rapidamente apareceu na janela da sala.

— Olha, mamãe! Tem dois cachorros na garagem, a senhora prometeu!

A mulher, que preparava o jantar, secou as mãos e foi verificar o que acontecia. Assim que abriu a porta, os cachorros foram cheirar a dona da casa. Ela fez carinho nos animais e encheu uma tigela com água, e ali ficaram todos; cães e família.

Enquanto voltava a acariciar os animais, falou:

— Filho, não dá! Vai que o nosso cachorrinho aparece de novo.

— Mas, mãe, já faz muito tempo! Deixa ficar com eles! — suplicou o menino.

Enquanto o filho brincava com os animais, a mulher voltou para o interior da casa e logo retornou com um pouco de comida. Ajoelhando-se, os cães vieram com volúpia e quase a derrubaram.

— Que fome deles, né, mãe?!

Ele estava feliz.

— Parece que tão meio assustados, filho — observou a mulher. — E olha a barriguinha dela. Acho que teve filhotes. — Os cães comiam, e a mulher tentava resolver a situação com o menino. — Vai que alguém aparece pedindo os cachorros de volta, filho!

— Aí a gente devolve, né, mãe?! — argumentou o garoto, sem acreditar nele próprio.

Ela sabia do amor que o menino tinha pelos animais, porém não chegava a uma conclusão. Então, sentou-se no degrau da porta da sala e ficou observando os cachorros, que não paravam de balançar os rabos, brincando com o seu único filho. Ela pensou melhor. E quando se preparava para dar

a má notícia, o garotinho saiu de perto dos cães e se sentou juntinho a ela, encostando a cabeça em seus seios.

– Mãe... Deus é tão bom, né? Fez eles escolherem a nossa casa porque sabia que a gente tinha comida e amor pra eles, né, mãe?!

A mulher não conseguiu falar mais nada e, com os olhos cheios de lágrimas, após abraçar o filho, levantou-se e fechou o portão. Foi em direção ao corredor da casa e retornou com vários papelões.

– Miguel, amanhã a gente arruma um cantinho melhor pra eles.

E disfarçou os olhos úmidos.

O filho, sorrindo e feliz, voltou a abraçá-la.

– Mãe, vou chamar ele de Zal e ela vai ser a Zala.

ROBERTO. 1983.

O relógio no punho de Carla marcava duas horas, e a madrugada ficara um pouco mais fresca. Roberto continuava digerindo tudo o que ela contara sobre a sua vida precoce. Entre beijos e carícias sinceras, os dois, deitados na areia fofa, tentaram descansar, entretanto a fome não permitia que os olhos permanecessem fechados. Foi então que ela teve uma ideia:

— Roberto, acho que dá pra arrumar uma grana rapidinho.

E ficando de pé, ofereceu o braço para que ele fizesse o mesmo.

Assim que retiraram um pouco da areia do corpo e se vestiram melhor, Carla pegou sua mochila e saiu em direção à avenida. Ele, sem entender o que se passava na cabeça da apaixonante mulher, fez o mesmo com as suas coisas e a seguiu. Quando já estavam em meio aos turistas e ambulantes, a garota perguntou a um vendedor de bijuterias se havia o interesse pelo relógio que estava com ela. O comerciante não se interessou, mas chamou um outro colega, que perguntou enquanto coçava a abundante barba branca:

— Quanto quer por ele?

— Quero o justo! Você tá vendo que não é um relógio qualquer.

— Esse é dos bons! É roubado?

— Não, é meu mesmo. Preciso vender — justificou-se.

Uma hora depois, sentados sobre uma mureta de pedras, degustavam deliciosos hambúrgueres e brindavam com refrigerante. Com as barrigas cheias e as mentes mais relaxadas, depois de comprarem mais cigarros e passearem um pouco jogando conversa fora, voltaram até aquele oásis.

Com a madrugada tranqüila, apesar do barulho incessante na avenida, ajeitaram as cabeças sobre as mochilas, deram as mãos e se permitiram beijar intensamente — sem pressa, sem preconceitos. Depois, dormiram um sono leve e reconfortante.

Roberto só pensava na mulher que estava ao seu lado. Era bela, era linda. Era a concretização de toda uma vida de espera por alguém para amar, sem barreiras, sem culpas, sem decepções. Ele estava praticamente livre, e ela precisava de um recomeço. Por que não tentar e oferecer a possibilidade de

serem felizes juntos? Por que não? Pensando nisso, o viajante decidiu que, ao amanhecer, seria mais sincero com ela.

Porém, quando o sol começou a descobrir o belo dia que se formava, a garota arrumou os cabelos, espanou todo o corpo e colocou a mochila sobre as costas. Roberto, surpreso, sentiu novamente os lábios carnudos de Carla e uma despedida direta:

— Adeus, Roberto. Preciso ligar e avisar a minha amiga que tô bem; ir embora daqui.

E, estendendo os braços mais uma vez, convidou-o para um último beijo e abraço.

Sem demonstrar o descontentamento, ele permaneceu cordial e cedeu ao carinho da garota.

— Não quer que eu vá junto com você pra saber se consegue falar com sua amiga? Vai que você precisa de mim!

— Você também tem assuntos pendentes aqui, Roberto. Melhor resolver isso. — Carla seguiu rumo à escadaria. Quando chegou ao último degrau, virou-se e voltou apressadamente. Roberto percebeu que ela trazia algo na mão. — Antes que diga que não aceita, entenda que é o meu presente de Natal.

Depositou algumas notas e um pequeno livro sobre a mochila do rapaz. Roberto olhou o livrinho de orações e o dinheiro.

— Aceito o livro; o dinheiro, não!

— Não se preocupe, aquele relógio rendeu uma boa grana.

— Fica — pediu ele, porém Carla voltou a caminhar em direção à avenida.

O viajante permaneceu imóvel enquanto olhava para os cabelos compridos e ondulados da linda e misteriosa garota. Quando ela parou mais uma vez sobre a escadaria, Roberto achou que voltaria.

— Desculpe. Se não fosse por minha amiga, juro que não abandonava você. E eu nem escutei a sua história, desculpa! — ela falou em alta voz.

Ele, vencendo a timidez, abandonou o refúgio das árvores e foi até ela.

— E por que a gente não se vê outro dia?

Tocou em seu braço. Ela, com os cabelos balançando ao vento, surpreendeu-o:

– Quer marcar um encontro?

– Sim! Um encontro que dure pra sempre, que faça nossas vidas descansarem...

E novamente, sem saber o porquê, lembrou-se do velho sujo que encontrara em duas ocasiões.

Os olhos castanhos e redondos dela brilharam, e um leve sorriso surgiu em seus largos lábios.

– Preciso ir, tenho algo muito importante pra resolver. Tenho fé que, no próximo ano, poderei ir e vir pra onde eu quiser!

– Então, quando volto a ver você?

– Pode parecer loucura e é muito difícil de explicar. Preciso me preparar. E você também precisa exorcizar algo no seu passado, não é?

Com mais um beijo que pareceu durar uma eternidade, Carla gerou a esperança no coração de Roberto dizendo:

– Aqui mesmo, à meia-noite, no Réveillon do ano que vem. Topa? Eu prometo que venho!

– Você jura?

Seu coração quase explodia dentro do peito.

– Juro, volto com a minha vida toda resolvida.

– Vou esperar você aqui, encostado nessas árvores.

Foram mais alguns beijos molhados e intensos, até que ela falasse novamente:

– Então vamos fazer uma promessa pra valer? Volte com o livro que dei para você, e eu prometo que volto pra descobrir o que pode acontecer entre a gente. Combinado?

– Combinado!

Carla se foi, e Roberto permaneceu ali, parado.

Um ano era muito tempo, e ele se arrependeu por não sugerir algo mais breve. Retornando às árvores, o viajante permaneceu olhando para o mar e se lembrando dos beijos naqueles lábios macios e carnudos, mas balançou a cabeça, percebendo que em um ano tudo poderia mudar.

— É claro que ela não vem...

Sem outros devaneios, começou a caminhada de duas horas até a praia que deveria colocar um fim na sua angústia. Durante a jornada, rejeitou algumas caronas, como se aquilo fizesse parte da penitência. Quando chegou, estava exausto e queimado pelo sol. O estômago reclamava por comida e os lábios secos imploravam por água. Abandonando a mochila na areia, em uma ducha improvisada que jorrava um pequeno filete de água doce lançou-se e deixou que o corpo ficasse todo molhado, tentando eliminar o cansaço da caminhada e as lembranças da noite anterior.

Entretanto, o rosto de Carla não deixava a sua mente relaxar. Enquanto se secava, Roberto pegou a sua pedra, colocou-a pacificamente sobre uma das mãos e a olhou como quem diz “adeus”. Também a cheirou como se procurasse o aroma de uma rosa, uma maldita rosa. Meia hora depois, já alimentado, seguiu em direção à encosta, procurando o ponto de onde, nove anos antes, tirara-a de seu local natural.

Deduzindo que achara o local correto, ele desceu no vão entre duas grandes pedras e saltou para que alcançasse o fundo arenoso, onde os pés ficaram submersos por causa das incessantes ondas. Roberto ainda olhou em volta de todo o local antes de depositar a pedra sobre outra maior. As lembranças daquela singela capela trouxeram a amargura já calculada, mas ele estava convicto de que agora tudo se resolveria.

— Pronto, fiz a minha parte! Faça a sua! — pediu ao universo.

Para ele, depois de anos de relutância, aquilo era o fim.

Com dificuldades e determinado, voltou até a praia, contemplando toda a paisagem que o rodeava. No cair da tarde, já dentro do ônibus que subia a serra, olhou o mar distante e sussurrou:

— Até o Réveillon do próximo ano, quem sabe?

CEMITÉRIO. 1983.

Mais um dia começava naquele imenso cemitério.

Assim que os portões foram abertos, logo nas primeiras horas, os visitantes se misturavam com os funcionários que retomavam as atividades do dia anterior. Apesar de Jorginho ser o secretário e responsável pela administração do cemitério, quem realmente dava as ordens era Madeira, apoiado de perto por seu braço direito, o pedreiro Edmundo, amigo havia quinze anos do marido de Lorena.

Naquela manhã, Edmundo limpava o resto de material deixado ao lado de um recente túmulo quando viu chegar, ainda colocando a parte de cima de seu uniforme, o jovem Norberto.

– Desculpa aí. É que a bicicleta quebrou e acabei vindo a pé.

– Pelo menos essa desculpa é nova, rapaz. Você tá aqui há três anos e já escutei de tudo — reclamou o pedreiro.

– Não pega no meu pé!

– Depois o Madeira arranca você daqui, aí quero ver!

Após acender o cigarro, o ajudante ironizou:

– Ah, que se foda o zóio torto!

O pedreiro largou a carriola e apontou o dedo na cara de Norberto, dizendo:

– Tudo bem. Da próxima vez chamo ele, e você mesmo conta que atrasou. E tem mais, esquece esse apelido! Você sabe a encrenca que dá quando o pessoal fala do Madeira.

Para a raiva de Edmundo, o ajudante adorava as situações conflitantes com a equipe.

– Ah, larga mão! Todo mundo chama ele assim. Quero que se dane! Não fui eu que inventei esse apelido.

– Você tá marcado com a turma aqui, Norberto. Ninguém aguenta mais você. — E retomou a sua atividade. — A moçada tá puta com os seus rabos no trabalho. Por sinal, isso que tô fazendo agora era pra você, seu merda, ter feito ontem! Você sabe que não pode deixar material espalhado por aí.

— Eu quero é que se dane, Edmundo! E para de dar uma de chefe! Quero ver o porra do Madeira vir falar comigo. Quero ver ele reclamar de mim. Quem manda nele é a esposa, e todo mundo sabe que ela me protege aqui.

Joseneysiano Costa de Madeira Silva, Madeira, era do tipo de chefe que não tolera preguiça e que exige o cumprimento de suas ordens. Ganhara o respeito de vários políticos da cidade e criara as suas próprias leis dentro do Cemitério Municipal. Tanto a polícia quanto o próprio prefeito gostavam de chamá-lo de “Prefeito do Além”, e Madeira se vangloriava do título inventado. Mas ser chamado de “zóio torto”, apelido por causa do estrabismo no olho esquerdo, era o mesmo que provocar o diabo. Ele prometera vingança, na facada, assim que descobrisse o autor do apelido.

Já Norberto era do tipo de garoto indisciplinado e provocador. Nas noites em que entrava no cemitério para fumar um baseado, ou para realizar algo obscuro, dizia ver luzes percorrendo os corredores entre as sepulturas, porém a fama de maconheiro não sustentava os seus argumentos.

Enquanto Edmundo terminava a limpeza, ouviu o coveiro Vando chamando-o a certa distância:

— Dimundo! Tá garrado aí? Acode eu! Dá uma mão pra eu abrí esse buraco logo.

— Tô fora, amigo! Ainda tô terminando um serviço de ontem. Cadê o resto da turma?

— Sei não, Dimundo. Tem um tandicoisa pra fazê ainda. Para de brigá com o menino e empresta ele um cadin — pediu o coveiro.

Mas Norberto adiantou-se ao pedreiro:

— Agora quem tá fora sou eu! É craro que se for pra abrir túmulo e tirar a ossada pode me chamar. Mas abrir cova nova não é comigo; tô fora também.

— Eita-ferro! Coméquié? E qual a diferença, moleque?

— Na ossada a gente pode achar um dente de ouro, uma pulseira, um colar. E achado não é roubado.

— Capaiz, moleque! Fica por aí mesmo. Cê fala bobage demais!

E encerrou a conversa.

Na administração, Jorginho juntava uma papelada e guardava o mimeógrafo, tentando colocar ordem na própria bagunça. Toda documentação era armazenada em caixas de papelão e identificada de modo precário. O secretário ficava de cabelo em pé todas as vezes que um documento era solicitado, pois não conseguia se encontrar em sua própria desordem, deixando a sua mesa em uma constante confusão. Devido aos inúmeros enterros e exumações, e por causa do aumento nos roubos de placas e vasos de bronze, Jorginho precisava subir e descer várias vezes a pequena escadinha de metal à procura de documentos nas caixas sobre os armários de madeira, forçando ainda mais as suas pernas gordas.

Ele estava prestes a subir novamente quando viu surgir em sua porta a velha anciã, a mãe de todos os mortos.

— Dona Inhá — falou com a voz cansada. — Tão cedo e já tá aqui?

A velhota fechou a sombrinha e arrumou-se dentro do vestido justo e azul.

— Olá, finhu! Tem enterru hoji cedo? — perguntou docilmente.

— Tem, sim, Inhá. Só que o Madeira vai tá lá, e a senhora sabe o que ele já pediu, né?

— Tem problema não, finhu — justificou-se.

— Tem, sim, Inhá! — E começou a preparar a máquina de escrever. — É gente rica e vão usar a capela pra uma pequena cerimônia, só familiares. Até o presidente da câmara vem pra cá, e o frei do convento também. Melhor a senhora ficar fora de lá.

— Tem problema não, reza sempri é bão. — A anciã não se constrangeu.

Jorginho ainda balançava a cabeça quando Inhá virou-se e seguiu, com as suas pernas tortas, em direção à ladeira que levava até a capela. Alguns trabalhadores assobiaram e gritaram assim que viram a velha:

— Olha quem chegou, Vando!

E todos riram, inclusive ela.

Carpideira por toda a vida, a velhota aparecia quase todos os dias no cemitério para chorar por qualquer defunto, entoando as suas próprias rezas, até que algum familiar — cansado da intromissão da mulher — oferecesse dinheiro como forma de “agradecimento”. Com uma idade que se acreditava beirar os noventa anos, Inhá mantinha, apesar da aparência enrugada, uma postura elegante e sentia fascinação pelos coveiros, a ponto de se perder no tempo quando os via trabalhar. Lambia os lábios secos e finos, e passava as mãos pelo busto pequeno e caído, todas as vezes que enxergava um peito peludo. Esse cacoete, juntamente com a inconfundível sombrinha e vestidinho azul, era motivo de sátira entre os funcionários. Entre eles, o mais brincalhão era Vando, que provocava a elegante Inhá dizendo sempre quando a via: “Eita, trem bão!”.

Jorginho ainda tentava organizar a sua mesa quando, pela janela, notou a chegada de Madeira e de sua desagradável esposa. Notou que o clima não era ameno e que para os dois o dia também não seria fácil. Já próximo à sala do secretário, continuaram com a discussão em voz baixa. Sem perder tempo, Jorginho se posicionou ao lado do arquivo de metal e tentou escutar a conversa. As palavras pareciam sem sentido. Notou que falavam sobre “uma mulher”, “casa”, “trazer algo” etc. Pouco a pouco, as palavras foram cessando. Ele estava tão entretido em sua investigação que não notou o chefe já dentro da sala.

Madeira, ainda aturdido pelos pensamentos, perguntou ao secretário:

— Tem enterro agora de manhã, certo?

— Bom dia. Tem, sim. Já deixei tudo preparado ontem mesmo. A família pediu a capela e, como não tinha nada programado, eu liberei. — O encarregado pelo cemitério parecia não prestar atenção nas palavras do funcionário. — A propósito! — falou com voz alta para tirar o chefe daquele transe. — O senhor precisa conversar com o seu Moreira. Nessa semana, recebi mais quatro reclamações de roubo de placas e já não sei o que dizer pras famílias. Tem gente até querendo reclamar com a polícia e na prefeitura.

Entretanto, Madeira não demonstrou preocupação.

— Sei, sei... — respondeu, como se voltasse a si. — Quem você falou que morreu mesmo? — Porém, não esperou pela resposta: — E sobre os vasos, não tenho o que fazer. Já falei na prefeitura que o cemitério é muito grande e que precisa de vigia também de dia. Não dá pra culpar o tonto do Moreira.

— Foram placas, Madeira. Placas! — corrigiu-o enquanto novamente subia na escadinha. — O senhor quem sabe, mas...

Antes que o secretário concluísse a frase, o chefe já havia desaparecido. Jorginho ainda estava sobre a escada quando a esposa do encarregado do cemitério entrou.

— Bom dia, Lorena — cumprimentou-a com voz dissimulada.

— Bateu o meu cartão? — Sua voz era de nociva autoridade.

— Sim, senhora.

— Sabe que não gosto quando me chama de senhora. Cadê ele?

E observava a rua pelo vitrô do escritório.

— Desculpe, ele já saiu. Não encontrou com ele aí fora?

O secretário, então, simulou interesse por um papel qualquer.

— Saiu do cemitério, então. Aposto que já foi pro bar beber.

— Não vi — disse Jorginho.

Ela continuava olhando pela janela.

— E tem mais! Se você perceber que não voltei de tarde, bate essa porra de cartão de novo pra mim.

— Desculpe, Lorena. O pessoal já percebeu que ando fazendo isso, e tá ficando chato pra mim. Prefiro não fazer.

E sem deixar de observar a rua, a mulher reclamou:

— Problema seu e do merda do Madeira. E não pense que vou limpar mais essa porcaria de cemitério.

O secretário ficou confuso com a informação.

— Como assim, vai pedir demissão?

Estava eufórico.

— Claro que não, idiota! Não faço mais as faxinas aqui. Só venho pra passear agora, como se esse maldito lugar fosse algo de bom.

E riu do próprio comentário.

Assim que ela saiu, Jorginho foi até o vitrô e pôde ver Lorena entrando em um táxi estacionado do outro lado da praça. Desconfiado, o secretário

abandonou o interior de sua sala para aguardar as plantinhas penduradas nas paredes. Pelo portão principal, percebeu que os dois pareciam muito amigos, pois o motorista tentou beijá-la. Segundos depois, o carro já estava rua abaixo.

Após meia hora, uma conversa acontecia dentro de um *drive-in*:

– Larga, não quero hoje.

– Puta que pariu! Pelo que faço pra você, era pra gente transar todos os dias!

– Dô pra você todos os dias se topar a minha ideia.

– Tô fora, nunca matei alguém.

– Mesmo com o dinheiro que falei?

– Não, não! Ganho o suficiente pra repassar as suas coisas, tô satisfeito.

– Tanga froxa, você é um bosta mesmo. Vai me comer uma vez por mês só, e se eu quiser.

– Não entendo você, Lorena. Eu a conheço há tantos anos e nunca vi você matar uma formiga, mas enganar e mentir é com você mesmo. Por que precisa, agora, fazer esse jogo sujo e perigoso?

– Você conhece a minha história, sabe muito bem! E só por causa desse comentário vai ficar sem me comer por muito tempo. Vamos embora.

Naquele mesmo momento, no cemitério, começavam a chegar as primeiras pessoas que acompanhariam o primeiro enterro do dia. Orientadas pelo secretário, dirigiram-se à capela pela ladeira central tendo o sol como companhia. Inhá, que perambulava por entre os túmulos, percebendo o movimento rumo à capelinha, achou prudente garantir o seu lugar nos bancos mais próximos ao pequeno altar. A carpideira já estava quase entrando, com a sombrinha ainda aberta, quando viu o coveiro Antônio se refrescando em uma torneira sob uma árvore torta e pouco bonita, e tudo passou a acontecer em câmera

lenta. A água descia pela cabeça calva do coveiro e molhava o uniforme velho e rasgado. Pelas frestas da camisa, a anciã olhava e desejava aquele peito forte e cabeludo. As mãos da velhota passeavam por seus seios flácidos e apertados no vestido azul de seda. A boca banguela mordiscava os lábios secos e vermelhos de batom, até que ela voltou a si e caminhou para dentro da capela, contentando-se com um banco intermediário porque os primeiros estavam obstruídos por uma fita branca.

Em meia hora, a capela ficou repleta de pessoas tristes e silenciosas.

Ao lado da carpideira, sentou-se uma jovem que se abanava devido ao calor. Sem qualquer pudor, a velha perguntou:

— Você pinta os cabelos, não pinta, fia?

A moça, sem dar muita atenção, balançou a cabeça, confirmando a suspeita da velha Inhá. E ela, ainda olhando para a linda garota, começou a brincar com a língua dentro da boca, colocando-a para fora e criando um barulhinho incômodo e nojento. A garota quase não conseguia disfarçar o desconforto. Em um movimento rápido da carpideira, a loira abandonou o seu assento e acomodou-se em outro lugar.

— Carma, finha! A véia só qué cheirá o cabelo seu. — Rindo em um volume considerável, Inhá foi notada por todas as pessoas presentes. — Você tá cum muito perfumi, fia! Mai é bão. Tem probrema não, tem não.

As pessoas deixaram escapar pequenos risos ao observarem a cena não muito compreendida. Dona Inhá procurava outra pessoa para conversar quando notou o cortejo aproximando-se da porta central. O caixão era suportado por parentes, pessoas ilustres e pelo encarregado do cemitério. A urna passou pelo estreito corredor e foi depositada em suportes ornados e banhados de prata. As velas, no pequeno altar, foram acesas, deixando o ambiente mais claustrofóbico. Algumas coroas de flores também poluíram aquele templo tão pequeno. Alguns parentes tentavam, com dificuldade, retirar a tampa do caixão. Madeira ofereceu-se para que o contratempo não se prolongasse.

Com a urna destampada, o encarregado do cemitério se virou para abandonar o altar e arrepiou-se por completo ao ver, entre a pequena multidão, a cabeça de Inhá, agora coberta por um véu preto. Madeira tentou avançar em direção à carpideira, mas foi interrompido por pessoas que iam cumprimentá-lo. Assim que os apertos de mãos terminaram, ele

começou a caminhar na direção da anciã. Para sorte dela, ele precisou recuar. Ao fundo, murmúrios e lamentos adentraram pela mesma porta por onde antes havia passado o caixão.

As mulheres vestidas de preto foram acomodadas no primeiro banco e toda a assembleia se pôs de pé. A mulher mais velha chorava discretamente, porém as outras duas jovens garotas, em luto, escancaravam o pranto.

Dona Inhá, astuta e empreendedora, tentava visualizar o pequeno altar e a família do morto para que, no momento oportuno, pudesse iniciar a sua participação sofredora, entretanto as inúmeras pessoas bloqueavam a sua visão. Para Madeira, que ainda tentava retirar a carpideira da cerimônia, o caminho voltou a ficar bloqueado por causa dos corredores, que se encheram de pessoas e angústia. E ante a figura sem vida e o odor das velas em derretimento, as lamentações das mulheres de preto foram gradativamente aumentando, até que um choro compulsivo e homogêneo tomou conta do ambiente abafado.

Inhá, sentindo-se fortalecida em meio à tristeza coletiva, pôs a voz ardida em operação, deixando Madeira com os pelos arrepiados e com as pernas trêmulas:

— Tem problema não! Deus, Pai... todú poderosu, o Fio generosu e o Espritu Santu... que ajudi nós por todú cantu... e a Virgi Maria... Escuita essi choru e essi prantu... qui invoca sob seu mantu e nus traga... consolu e a paiz.

E continuou o pranto teatral sem que Madeira pudesse calá-la:

— Ai, Deus! — E fingia chorar. — Comu era bão essi homi. Ai, que tristeza! — E prosseguia: — Ai, meu Pai du céu... Pascenta a esposa e as fia qui amaram tantu essi homi bão e caridosu. Ai, que dor! — E fingia enxugar lágrimas no véu negro. — Ai, meu Pai du céu! Ai, Jesusis...

E assim a carpideira continuou sem que as pessoas conseguissem disfarçar o constrangimento.

Diante das “lamentações” da carpideira, um silêncio constrangedor tomou conta da capela, ficando somente a voz maluca e alta de Inhá. Até as mulheres de preto cessaram as lágrimas e ficaram olhando, com sobranças em ângulo, a velha desconhecida. Aos poucos, para a desgraça do encarregado do cemitério, pequenas risadas começaram a tomar conta da cerimônia. Na sequência, outros participantes, cada vez mais à vontade,

riam em um som crescente, até que uma gargalhada generalizada cobriu a desrespeitada capela.

Madeira, com muito custo, conseguiu abrir caminho até a velha Inhá e, pegando-a pelo braço, retirou-a a força do banco, carregando-a, dessa vez sem qualquer constrangimento, para fora do recinto religioso. Foi então que, passando pela primeira vez próximo ao caixão, a carpideira percebeu, assustada, que o defunto não era um homem.

— Virgi santa! É muié! — E já na divisa com a área externa, ainda puxada por Madeira, gritou: — Tem problema não! Reza é sempri bão!

Assim que a soltou, ainda próximo à capela, ele vociferou:

— Ah, Inhá! Reza bastante mesmo, só que pra você continuar viva. Puta que pariu! — Ela ainda massageava o braço machucado quando ele ameaçou, dessa vez em um tom mais baixo: — Isso não vai sair barato pra você, Inhá. Pode acreditar, pode ter certeza! — Seu olhar estava cheio de ódio. Inhá evitava encará-lo não só pelo incômodo do olho torto, mas também pela lembrança do passado. — Gosta da morte, sua velha? Então, vou fazer você sentir a morte de pertinho de novo. Entendeu?

Ele manteve o olhar firme observando-a fugir ladeira abaixo.

No fim da rampa central, ainda tentando abrir a sua sombrinha, a carpideira deu de cara com o frei do convento. Ele, a passos rápidos, caminhava sem notá-la quando sua passagem foi interrompida pela velha.

— Tá trasadu, né?!

— Um pouco, perdi minha carona e só consegui chegar agora. A senhora é parente da falecida?

O religioso de roupa marrom a olhava, surpreso.

A pergunta inocente do frei causou risos na anciã.

— Ai, meu Deus! Tem problema não. O senhô sabia qui era muié. Ai, meu Deus!

E retomou a marcha.

O frei, sem entender os comentários daquela senhora, agradeceu em silêncio o fim daquela conversa sem nexos e, com grande destreza, venceu os últimos metros ladeira acima rumo à capela.

Madeira, não aguentando o suor que inundava o seu corpo, foi até um banheiro próximo e lavou-se. Mais calmo, procurou a sombra de uma

árvore para que pudesse fumar e diminuir a vergonha que ainda o asso-
lava. Antônio e o ajudante Aldo viram que o chefe estava sob a árvore e
aproveitaram o momento raro para falar com ele:

– Que foi, Madeira? Que cara é essa? Tá puto com o quê?

– Tô puto com essa maldita Inhá, Antônio. Ela só me fode! Mas deixa
pra lá. – E acendeu outro cigarro. Os funcionários já estavam um pouco
longe quando o encarregado os chamou de volta: – Olha, fiquem atentos lá
na capela. Assim que terminar, vocês ajudam com o caixão até o mausoléu.
E se a Inhá aparecer, tranca ela lá dentro. – O assunto parecia terminar,
porém Madeira deu mais uma ordem: – Antônio, comece a limpar aquele
quartinho do lado do depósito perto do rancho do Moreira. Dá um trato
nas paredes, no vidro da janela e olha se precisa trocar a porta. Também
dá um jeito naquele telhado.

– Mas pra quê?

– Só faz o que eu falei – respondeu secamente.

– Vai querer que pinte também?

A intromissão do inocente Aldo deixou o coveiro ainda mais desaminado.

– Verdade, Velão. Pinta, sim! No início do próximo mês, vou usar
aquele espaço. Se precisar, pede pro Edmundo arrumar alguém pra aju-
dar, Antônio.

O coveiro olhou para o ajudante e questionou o chefe:

– Mas tem tanto trabalho pra fazer... A gente tá cheio de serviço, e
isso é coisa pro Edmundo fazer.

– Caralho, você só chora! Trabalha depois do horário.

E saiu rumo ao escritório.

Assim que ficaram a sós, o ajudante resmungou:

– Zóio torto, filho da puta! Só fode a gente!

– Também já tô puto, Velão! Isso tem que acabar. Ele vive protegendo
o Edmundo e o Norberto, e tudo que é trabalho pesado passa pra gente
e pro Vando fazer.

– E os dois nem se falam direito, vivem se estranhando. Por que o
Madeira protege tanto eles?

– Não sei, mas isso é estranho mesmo!

A raiva de Aldo ia além da inveja pela preferência que Madeira tinha pelos outros colegas. Na verdade, por ser branco como uma vela, detestava o apelido “Velão”, que ganhara do próprio encarregado do cemitério e que se tornara uma chacota diária lá dentro. O fato de, também, ser alto e magro, e por desmaiar durante alguns enterros, gerava piadas constantes que o desagradavam.

Recomposto, o Prefeito do Além chegou ao escritório e foi logo comunicando:

— Jorginho, o Antônio vai começar a reformar o quartinho aqui do lado. Assim que terminar, lá pro começo de janeiro, vou colocar alguns móveis lá. — E olhando fixamente nos olhos do funcionário, continuou: — Desde já, tô avisando que é pra ficar de bico fechado.

— Mas o que vai fazer lá, Madeira? O quartinho já tá há um tempão sem uso.

O secretário ficou intrigado.

— Ainda não é da sua conta. Logo você e o Moreira ficarão responsáveis por fazer com que ninguém chegue lá perto. — Acendeu outro cigarro. — Assim que os móveis chegarem, você coloca tudo no depósito até acabar a reforma.

— Mas e se alguém perguntar, o que respondo?

— Invento qualquer coisa.

— E se a Lorena perguntar? — questionou-o enquanto desviava da fumaça do cigarro.

— Ela já sabe.

E abandonou o escritório.

Jorginho, apesar de estar acostumado com as loucuras daquele casal, ficou preocupado e pensou que coisa boa não podia ser. O fato de Madeira e de Lorena, aparentemente, concordarem em algo era motivo para ficar de orelha em pé.

PAULO. 1970.

Paulo corria com a moto pelas ruas do bairro. A namorada sentia-se importante e apertava o corpo do jovem em sinal de desejo e segurança. Ele acelerava e reduzia, fazia as curvas com a máquina quase ao chão e achava lindo que os longos cabelos da garota balançassem com o vento. A moto trouxera ao rapaz a autoestima que nunca tivera, e nada era mais importante do que a confiança que brotava em seu coração. A vida de adolescente parecia coisa do passado com o presente que o pai lhe dera dois anos antes.

Quando a deixou no trabalho, não quis voltar à sua casa; queria mais. Acelerou novamente e circulou por várias ruas e avenidas, buzinando para várias garotas, tentando não passar perto dos policiais e de alguns soldados que também conduziam pelas ruas de sua cidade. Acelerou e acelerou, porém o ponteiro indicou a reserva, e lembrou-se do pai. Com a motocicleta estacionada na rua, Paulo entrou em sua casa, passou pela sala e da cozinha percebeu que algo não estava bem. Chamou:

— Pai? — Escutando um barulho, decidiu procurá-lo. — Pai?

Abriu a porta do quarto.

O pai de Paulo estava, para a surpresa do filho, sentado tentando sufocar o choro para não ser ouvido.

— Oi, filhão. — Enxugou as lágrimas. Paulo não soube o que dizer. Era a segunda vez que via o pai chorar, e se lembrava de tê-lo visto tão amargurado apenas no enterro de sua mãe. — Tá tudo certo, filho? Tudo bem com a moto? — Tentou desviar a atenção.

— Sim... Tá, sim...

Ainda de pé, pediu dinheiro para o combustível.

Após entregar algumas notas, o homem, fingindo lembrar-se de um compromisso, saiu de casa. O garoto deitou-se no sofá e ficou por um longo tempo olhando o vazio do teto, tentando frear o pensamento sobre a morte da mãe. Não resistiu e chorou compulsivamente.

ROBERTO. 1984.

Após um ano, Roberto desembarcou na rodoviária e, preocupado com o violão que estava no bagageiro, foi o primeiro a descer e aguardar pelo motorista. Agora, diferentemente do ano anterior, caminhava contente na direção daquela avenida com a certeza de que o quarto alugado seria agradável a ela, a mulher que preencheria o seu coração de esperança. Sua companhia era a mochila, o violão e uma boa quantia, um considerável valor.

Quando entrou no seu aposento, agradeceu aos deuses pela paisagem – o mar estava lindo! Logo que se acomodou, passou a contar as horas até o combinado encontro e pensou por várias vezes: *será que ela vem mesmo?* Fumou vários cigarros sentado na grande janela, imaginando como seria o reencontro. Carla se tornara a sua obsessão e ela seria um novo marco em sua vida. Ainda ansioso, tirou o violão da capa e o afinou. Marcou o ritmo com o pé e tocou, sem parar, a música que compusera para ela.

E o vento me trouxe mais uma lembrança, mais uma saudade, um dilúvio noturno.

Olhos castanhos, dois pares.

Retidos e refletidos em um beijo sem fim.

Em frases e conversas, sobranceiras baixas.

Amizade contida em súbitos olhares

que nos pedem paz e compreensão neste mundo tão em vão.

Nestes pequenos instantes, desses relutos olhares.

Olhares malditos, rebeldes.

E olhares súbitos!

Sem preocupação nem relutância, apenas pequenas conversas.

Para dias... Para dias...

Apenas dois pares de olhares?

Após melhorar as estrofes e o refrão, ficou com os dedos latejando. Ainda nervoso, Roberto desistiu de lutar contra a ansiedade, acendeu um cigarro e deixou-se levar pelo imprevisível. E nisso viu surgir, como uma inspiração do além, outra canção. Ele procurou por um papel e uma caneta, compondo a nova música de uma só vez, completa.

*Quando penso que quase me perdi, me enlouqueço, me desespero.
Quando penso que quase foi o fim, afasto este pesadelo me entregando a ti.
Teu corpo tem cheiro de vida; minha vitamina; meu marfim!*

Casa de baronesa!

Parede pintada na favela!

Minha bela; singela amada!

Eu a vejo assim!

Assim, levo os dias em frente, enfrentando quem tente não nos ver feliz... enfim.

Minha obra-prima!

Minha flor do campo!

Minha ode, serenata, meu canto!

Verdadeiras flores!

Minha verdadeira intenção? Meu amor por você.

Teu nome é um encanto, é você que amo tanto!

Quero viver junto de ti!

Pronto!

O apaixonado rapaz não acreditou no que tinha acabado de criar. Tocou a música com entusiasmo, até que a fome chegou e o levou, após o banho, para a já movimentada avenida. Impelido pelo acaso, acabou dentro daquele mesmo bar perguntando ao mesmo homem do ano anterior:

— Amigo, qual o melhor vinho que você tem aí?

— Tenho esse.

E apontou para um belo chileno.

— Ótimo, fico com ele!

Estava orgulhoso.

Roberto entregou o dinheiro nas mãos do comerciante e fez de forma solene. Foi só quando o desconhecido já estava no calçadão é que o dono do estabelecimento percebeu que o dinheiro não estava correto. Demorou algum tempo para localizá-lo entre os turistas.

— Ei, rapaz! — gritou. — Aqui tem quase o dobro!

Virando o pescoço e sem interromper a marcha, Roberto disse também em alto volume:

— Tudo certo, amigo! Tá tudo certo!

E se misturou entre a multidão.

Ele caminhava feliz com a garrafa na mão observando as pessoas na rua. Sentindo a brisa do mar e a energia daquele litoral, percebeu o quanto Carla, em um ano todo de espera, havia mudado o seu modo de encarar a vida. Ele desejava encontrá-la e oferecer não só uma amizade duradoura; também a possibilidade de uma nova paixão, era o que queria. Porém, assustou-se quando olhou o relógio em seu pulso.

Nove horas!

Comeu algo e voltou para a pousada.

Roberto tentou descansar, mas seu corpo, apesar de inerte na cama, sentia uma ânsia desesperadora. *Será que ela vem? Será que ela vem? Será que ela vem?*

Dez e meia!

Tomou outro banho, perfumou-se e vigiou a paisagem pela janela.

A pequena distância entre a pousada e a praia, naquele conjunto de árvores, foi percorrida com determinação. No local combinado, Roberto ficou em pânico por causa das dezenas de pessoas que ali se amontoavam.

Onze horas!

Observou todo o local.

Naquela escuridão, quebrada apenas pelas velas da mãe de santo, preocupou-se e sentiu receio de não a encontrar. Ele sabia que Carla não erraria o local, entretanto não quis correr o risco, preferindo encostar-se em uma das árvores e aguardar protegendo o violão, o vinho e o saca-rolha emprestado. O livro de orações, deixado propositalmente sobre a cama na pousada, seria o elo para que nunca mais se separassem.

Onze e meia!

Continuou observando o local e tentou, para disfarçar a solidão, afinar o violão.

Com os primeiros rojões e o barulho crescente, ele ficou de pé e intensificou a busca pela amada mulher, tentando dar segurança ao seu coração. *Ela vem!*

Quinze para meia-noite!

Vários fogos de artifício. *Ela vem!*

Por alguns segundos, observou a cena à sua volta: grupos de jovens, famílias, casais de idosos, gays, supostas lésbicas, mãe de santo e seus adeptos, diversas outras pessoas e...

Ainda não havia sinal da garota de cabelos ondulados.

Dez para meia-noite!

— Onde ela tá? — falou baixinho e olhou para todos os lados.

O céu foi coberto por um cintilar de luzes, e o barulho dos fogos aumentou consideravelmente. Ele olhava e não enxergava mais nada por causa da multidão, que pareceu multiplicar-se em poucos minutos. Olhou as pessoas à sua volta e, apesar do desespero, deteve a atenção em um garoto sentado na areia a poucos metros. O vento aumentou. Roberto pensou em caminhar pela praia para procurá-la, entretanto regressou — era arriscar um desencontro em meio a toda aquela gente. Ele não sabia o que fazer, pois, em seu relógio, os ponteiros praticamente se encontravam.

Dois para meia-noite!

Muitos fogos e luzes.

O branco que cobria toda aquela praia banhava-o com uma vertigem incessante. As pessoas se abraçavam e algumas próximas estenderam as mãos a ele.

— Feliz Ano-novo!

Roberto, com o estômago dilacerado e com muito sacrifício, esboçava sorrisos e cedia aos apertos de mão involuntários. Não saberia distinguir as pessoas que cumprimentara segundos depois.

Meia-noite!

O estardalhaço foi generalizado.

A alegria era explicitada na algazarra daquelas inúmeras pessoas que olhavam, surpresas, para o céu multicolorido e barulhento. Felizes, não notaram que aquele desconhecido direcionou o olhar para o horizonte e que em seu rosto barbudo as rugas eram mais expressivas do que segundos antes.

Para Roberto era o fim...

Agora sentado ao lado do seu violão, só restava uma finíssima esperança. Carla poderia estar simplesmente atrasada. E foi pensando nisso que ele abraçou a garrafa e tentou rezar. Ainda inconformado, desistiu da oração e quis chorar, pensando: *ela não cumpriu o compromisso!* Porém, segurou a comoção e engoliu em seco o ar, resistindo ao choro que nascera no coração.

Olhou o violão e quis quebrá-lo. Olhou as pessoas à sua volta e invejou toda aquela felicidade. Quis chorar, mas resistiu. Depois de mais alguns minutos, não sabia mais o que fazer e, enfim, aceitou chorar...

Seus olhos ainda estavam úmidos quando percebeu que um menino cego esbarraria no seu violão. Era o mesmo garoto que chamara a sua atenção minutos antes. Roberto, entre enormes calafrios, ficou de pé e tirou o instrumento a tempo de evitar uma possível queda do menino.

— O senhor é o dono do violão?

— Sim.

Questionou-se como a criança havia notado o instrumento.

O garoto, presentindo a dúvida, respondeu ao homem:

— Escutei você afinando. — E pediu auxílio: — Pode me ajudar a chegar até a avenida, por favor?

Roberto não queria desagradar o garoto; não estava em condições de fazer amizades ou atos de caridade.

— Desculpa. Tô esperando por uma pessoa.

— Não pode me levar até a avenida?

Mais uma vez, Roberto sentiu o estômago doer.

Então, guardou o violão na capa, pegou a garrafa com o saca-rolha e seguiu com a criança na direção da escadaria de pedras.

Já na avenida, ele escutou:

— É bonita esta algazarra, não acha?

— Pode ser, mas é muito barulho pra mim.

— Então por que está aqui?

— É que tava esperando por uns amigos e...

Mas o menino o interrompeu:

— Amigos? Não era uma pessoa?

Roberto se incomodou. Queria voltar à praia.

— É, na verdade é uma pessoa.

— Ela não apareceu, certo?

A percepção do menino deixou-o desconcertado. Não pretendia entrar no assunto.

— E você, por que tá sozinho na praia?

— Não estou. Tem centenas de pessoas lá; estava com elas. Hoje é o dia em que todas as consciências se encontram, não é verdade? — Pela primeira vez, Roberto notou algo de especial naquele garoto. — Reparou como somos parecidos? — continuou o menino. — Eu não enxergo, e você está trilhando a cegueira. Eu imagino as pessoas, e você não consegue ver a nitidez à sua volta. Minha visão é morta, e aposto que em seu rosto há rugas que cercam olhos mortos. Você precisa enxergar os sinais. Não menospreze a sua percepção!

Roberto abaixou a cabeça e desceu os degraus, retornando até as árvores sem notar as pessoas que festejavam. Fumou com impaciência, bebeu todo o vinho e utilizou o saca-rolha para quebrar o violão, para o susto e assombro das pessoas que estavam por perto.

E, quanto aos seus sentimentos, tudo ainda era confuso.

Alheio à festividade, com a dor ainda o consumindo, continuou com os cumprimentos que voltara a receber das pessoas naquele local.

— Feliz Ano-novo!